



Este artigo está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição 3.0 Unported.

Você tem direito de:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material para qualquer fim, mesmo que comercial.

De acordo com os termos seguintes:

Atribuição — Você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso.

Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



This article is licensed under a Creative Commons Attribution 3.0 Unported License.

You are free to:

Share — copy and redistribute the material in any medium or format

Adapt — remix, transform, and build upon the material for any purpose, even commercially.

Under the following terms:

Attribution — You must give appropriate credit, provide a link to the license, and indicate if changes were made. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.

No additional restrictions — You may not apply legal terms or technological measures that legally restrict others from doing anything the license permits.

Estados Unidos: a frágil presença no Afeganistão

United States: the fragile presence in Afghanistan

VIRGÍLIO CAIXETA ARRAES*

Meridiano 47 n. 113, dez. 2009 [p. 10 a 11]

Em quase sete anos, os Estados Unidos já despenderam centenas de bilhões de dólares no confronto ainda em curso com a população iraquiana, visto que a defenestração do regime autoritário de Saddam Hussein havia ocorrido poucas semanas após a invasão. Desde então, há uma diversidade de adversários a combater, identificados apenas por meio de uma temporária aliança antiamericana.

Uma das razões subjacentes para o envio maciço de tropas multinacionais, mas lideradas basicamente pelos Estados Unidos, foi a necessidade de assegurar o acesso contínuo às fontes energéticas do país – estimadas em mais de 100 bilhões de barris de petróleo – extremamente fartas e de baixo custo de extração. Executar-se-ia a exploração por intermédio de grandes corporações, pondo fim à estatização do setor, aplicada em 1972.

Destarte, garantir-se-ia a estabilidade dos preços petrolíferos por muito tempo, sob a supervisão anglo-americana. Contudo, em função das constantes licitações realizadas pelo Ministério do Petróleo do Iraque desde o final do primeiro semestre de 2009, corporações de várias nacionalidades, sob a forma de consórcios, têm obtido acesso para a exploração local.

Oito das dez maiores empresas privadas do mundo no setor participaram do último evento. Na disputa, estimava-se que 1/3 das reservas de petróleo e de gás do país, isto é, em torno de 40 bilhões de barris, estavam disponíveis em oito áreas.

Assim, China – atual importadora de quatro bilhões de barris diários – parece instalar-se de maneira duradoura no território iraquiano, sem naturalmente os custos militares dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha e sem o desprestígio perante a

comunidade internacional. A Rússia tenta também beneficiar-se da exploração de recursos energéticos no Iraque.

A produção iraquiana atual é muito reduzida, se comparada ao período da longa ditadura baathista – menos de dois milhões e meio de barris por dia. Com as licitações, o objetivo é chegar até 2015 aos quatro bilhões, mas questões políticas poderão dificultar a meta, tendo em vista a realização de eleições parlamentares no próximo ano, na qual se poderá reforçar ainda mais o prestígio da comunidade xiita, e a execução do cronograma de retirada das tropas anglo-americanas.

O objetivo primordial dos leilões é a obtenção de recursos para a recuperação da infra-estrutura do país. Por conseguinte, providenciar a legitimação do governo que, embora seja considerado, em tese, nacional, restringe-se às áreas em que a coligação amero-britânica atua.

Exemplo maior é a instituição de novos marcos, como o Dia da Soberania Nacional (30 de junho), ainda desconectados do cotidiano da população local. Na celebração da efeméride, havia mais militares que populares.

De início, esta data representaria simbolicamente a retirada gradativa das tropas estrangeiras do país – até agosto de 2010, haveria a maior saída. No final de 2011, restariam pouquíssimos combatentes, de acordo com o planejamento estabelecido no final da gestão Bush.

Contudo, apesar de anunciado, e mesmo desejado, o retorno dos efetivos não tem um cronograma na prática definido até porque a presença dos contingentes está assegurada por legislação local e dependerá claramente do grau de instabilidade

* Professor do Departamento de História da Universidade de Brasília – UnB (arraes@unb.br).

política do país. Os permanecidos adquiririam um novo nome para justificar a futura presença: assessores ou instrutores militares.

Outrossim, não obstante o eventual recolhimento das tropas anglo-americanas, as empresas de segurança privadas permanecerão lá, sendo a maior parte delas de origem estadunidense. Assim, de um modo ou de outro, o governo iraquiano continuará a depender de proteção externa, sob um custo significativo.

A fartura de verbas advindas do petróleo pode desaguar na aplicação ineficiente ou mesmo em desvios, conforme relatório da Transparência Internacional de 2009. Dos 180 países avaliados, o Iraque supera apenas Sudão, Mianmar, Afeganistão, também supervisionado pelos Estados Unidos, e Somália – no mesmo documento, o Brasil ocupa a septuagésima quinta posição.

O transcorrer do governo Obama assinala, em seu primeiro ano, a absorção da política externa de seu

predecessor, a despeito das críticas lançadas quando de seu início, entre janeiro e fevereiro de 2009. Desta maneira, os democratas assumem infrutiferamente a responsabilidade de dois confrontos, outrora ‘republicanos’.

Recebido em 28/12/2009

Aprovado em 29/12/2009

Resumo: o artigo trata da guerra do Afeganistão. Após 7 anos de guerra, os Estados Unidos não conseguiram modificar o país ocupado.

Abstract: the article deals with the Afghanistan War. After 7 years of war, the United States hasn't changed the occupied country.

Palavras chaves: Estados Unidos; Afeganistão; fontes energéticas.

Key words: United States; Afghanistan; energy sources.

